



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

VISITA AO MÉXICO

Jantar oferecido pelo Presidente do México
Palácio de Tlatelolco
Cidade do México, México
17 de agosto

São muitos os pontos que aproximam o Brasil e o México. Vivências históricas semelhantes forjaram o caráter e o sentido profundo de nacionalidade e soberania dos dois povos, que, desta forma, se ligam à tradição latino-americana.

17 de agosto — O Presidente José Sarney afirma, no México, que o Brasil é o país que mais cresce no mundo ocidental, destacando o saldo comercial de julho. US\$ 1,4 bilhão, inferior apenas ao do EUA e Japão.

Desejo expressar, em meu nome e no de todos os que me acompanham, os melhores agradecimentos pela fidalguia e hospitalidade com que somos recebidos pelo governo mexicano. As palavras calorosas que Vossa Excelência acaba de pronunciar atestam a solidez dos laços de toda ordem, felizmente existentes entre o Brasil e o México e auguram futuro de crescente aproximação entre nossos povos irmãos.

Sou grato a Vossa Excelência por seu generoso convite para visitar o México. Sempre fui grande admirador de seu país, de sua gente e de sua cultura. Portador de uma história de heroísmo e de afirmação nacional, o México se integra no patrimônio latino-americano com a riqueza de sua tradição e o dinamismo de sua visão de futuro.

Minha estada em vosso belo país dá-me a oportunidade de um contato pessoal e direto com a sabedoria e com a inteligência mexicana. Constitui também ocasião para que façamos um exame mais profundo do relacionamento entre o Brasil e o México e, bem assim, para efetuarmos uma avaliação conjunta dos temas e questões regionais e internacionais que interessam a nossos países.

São muitos os pontos em comum que nos aproximam.

Embora distintas em suas origens e específicas em seus contornos sócio-culturais, as histórias nacionais mexicana e brasileira percorreram caminho comum em sua evolução. Foi um processo árduo e penoso este que nos conduziu da transplantação européia à heterogeneidade de hoje. Busca de síntese num contexto de ruturas, a história da América Latina é uma crônica de sucessos e fracassos, que tem como fio condutor a permanente vontade de nossos povos de afirmar uma identidade própria, de gerar a singularidade dentro da diversidade. Se alguma característica nos vincou nessa trajetória de luta contínua, esta é, sem dúvida, a da criatividade com que vimos, Brasil e México, buscando soluções inovadoras para a superação dos mais diferentes problemas com que se defrontam nossas sociedades nacionais.

Essas vivências históricas, responsáveis pelo caráter, pelo sentido profundo de nacionalidade e de soberania de nossos povos, forjaram os pilares em que se fundamentam os princípios, intransigentemente defendidos por nossos dois países, da boa convivência internacional e do respeito mútuo. Essas experiências compartilhadas são, igualmente, a força que sempre nos impulsionou no sentido de maior participação no cenário internacional, buscando projetar a boa tradição latino-americana nos diversos foros multilaterais, de forma a contribuir para o encaminhamento das grandes questões da atualidade internacional.

Brasil e México são dois grandes países. Fizemos progressos notáveis no caminho do desenvolvimento econômico e social. Participamos com intensidade crescente dos grandes fluxos internacionais de comércio e de investimentos. Geramos e absorvemos tecnologias complexas nos mais diversos campos de atividade. Estamos, em suma, integrados nos setores mais dinâmicos da vida internacional.

São, porém, preocupantes os desníveis e desigualdades que subsistem ainda em nossas sociedades. Resta-nos, sem dúvida, caminho a percorrer para que possamos atingir os padrões de bem-estar, produção e consumo condizentes com as legítimas aspirações de nossos povos.

Partilhamos um universo de oportunidades e problemas comuns. Umas e outros, oportunidades e problemas, podem e devem ser encarados sob uma perspectiva conjunta.

Se alguma certeza abrigo neste domínio de relatividade, que é o da política internacional, é a de que nós, países latino-americanos, temos, mais do que nunca, de buscar a união. União, não no sentido apenas retórico ou conceitual. Mas uma união baseada na exploração sistemática de afinidades, na busca permanente de complementaridade, no exercício cotidiano da cooperação.

É chegado o momento de a América Latina se apresentar diante de si mesma e diante do mundo como uma região unida. Já está definitivamente encerrado o período das dependências em que, frustrados diante de nossas limitações, buscávamos soluções na imitação ou na importação de modelos. A nossa verdadeira independência somente será alcançada se formos capazes de, preservando e valorizando nossa identidade comum, arregimentar, em benefício de todos, os recursos materiais e humanos de cada um.

E isto pode ser feito, estou convencido, sem qualquer tipo de confrontação ou preconceito ideológico; sem qualquer dos vícios que historicamente impediram uma efetiva aproximação regional.

Atravessamos momento histórico particularmente fértil. Se são muitas as dificuldades, se são graves e complexos os problemas, são também muitos e positivos os fatores que nos conduzem aos caminhos da cooperação. Refiro-me, em particular, ao notável reforço da idéia democrática em nossa região. Creio que deixamos para trás a instabilidade institucional que caracterizou a região nas últimas décadas. Nossos países amadureceram. Aprendemos a conviver com a diversidade e o pluralismo. Demo-nos conta, finalmente, de que as soluções para os nossos problemas políticos, econômicos e sociais não serão encontra-

das no confronto ou na imposição, mas sim no debate amplo, livre e desimpedido. Nossas sociedades evoluíram. Tivemos experiências traumáticas e não estamos dispostos a repetir os erros do passado.

A idéia democrática empolga hoje a imaginação de nossas sociedades; e é nela que encontraremos a inspiração para resolver nossos problemas a nível internacional, através da harmonização das diferenças, e não da imposição de sistemas ou ideologias.

Os últimos acontecimentos na América Central são demonstração eloqüente da nossa capacidade de assim proceder. Possivelmente pela primeira vez na história de nossa região fomos capazes de encaminhar, por vertentes absolutamente latino-americanas, um problema que afeta, inclusive, interesses de terceiras potências. Logramos, pela via da negociação, evitar que a América Latina fosse novamente palco de confrontação ideológica e instrumento de um conflito que nos é estranho. Buscamos as soluções de onde elas devem efetivamente vir. Não de fora; mas sim dos próprios países da região. Rompemos uma cadeia de equívocos, que tantas divisões gerou em nosso continente, para enfim criar bases sólidas para um entendimento justo e duradouro, alicerçado na realidade regional e não em concepções ideológicas ou estratégicas, que nos são alheias e nocivas.

A paz e a estabilidade na América Central criarão as condições para que nossa região, como um todo, possa se rededicar integralmente à grande tarefa do desenvolvimento econômico e social de nossos povos. Abrem-se perspectivas extremamente promissoras de cooperação para enfrentarmos os verdadeiros problemas que infelizmente ainda condicionam um quadro de atraso e carência em nossa sofrida América Latina.

Cumpre-nos repensar os termos da inserção da América Latina na economia internacional, em todas as suas dimensões: comercial, financeira e tecnológica. Apesar dos inegáveis avanços do processo da industrialização em nossos países e do ritmo significativo de crescimento de nossas economias nas últimas décadas, só interrompido pelos recentes anos de crise, a América Latina não conseguiu mo-

dificar significativamente sua forma de participação na economia internacional. A crise e as tendências recentes na economia internacional evidenciaram a vulnerabilidade dos países em desenvolvimento.

As relações econômicas internacionais estão obviamente desequilibradas e distorcidas, com efeitos diversos sobre todos os grupos de países. Mas é o mundo em desenvolvimento que tem arcado com a maior cota de sacrifício. Os preços dos produtos primários caíram flagrantemente e se mantêm abaixo dos níveis da crise de 1930. O protecionismo contra os produtos exportados pelos países em desenvolvimento impede seu acesso a mercados onde mostram ser competitivos. Nós, países endividados latino-americanos, passamos à situação paradoxal de exportadores líquidos de capital, fato que, além de um contra-senso econômico e moral, constitui grave erro político.

Entraves de toda ordem são-nos ainda impostos em nosso esforço de capacitação científico-tecnológica. Reaparece a antiga dicotomia entre países produtores de matérias-primas e países industrializados, agora sob a forma de uma divisão entre produtores e consumidores do conhecimento científico-tecnológico.

Cabe-nos cuidar para que seja revertida a tendência ao retrocesso de nossa região, responsável pelas tensões políticas e sociais que afligem nossos países. Não podemos aceitar passivamente que a América Latina pague o preço da recuperação econômica e financeira do mundo desenvolvido. A presente crise somente será resolvida mediante uma repartição justa e eqüitativa de responsabilidades. O sistema econômico-financeiro internacional deve ser aprimorado, para que possa efetivamente servir a todos os países, sem posições privilegiadas ou assimétricas, praticadas no poder político.

Para tanto, estou seguro, a via que se impõe é a via da cooperação e da integração.

A integração latino-americana é hoje uma das prioridades maiores da política externa do Brasil.

Trabalhando em conjunto, alcançaremos o objetivo maior de destinar aos nossos povos os resultados do apro-

veitamento dos nossos recursos naturais, da utilização da nossa inventiva e da nossa energia. Juntos podemos mais do que separados.

O realismo para aceitar as nossas diversidades, a flexibilidade para adaptar as políticas e objetivos às possibilidades reais de cada circunstância, o gradualismo para assegurar que não retrocedamos sobre caminhos já percorridos, são os três elementos que consideramos fundamentais para o êxito do processo de interegração.

Diante dos complexos desafios de nosso tempo, é chegada a hora de as nações latino-americanas aperfeiçoarem suas formas de convivência, bem como de empenharem-se em buscar ainda maior coesão que lhes garanta presença mais homogênea no sistema internacional e peso político mais expressivo nos foros multilaterais.

Apesar das dificuldades econômicas e de um cenário internacional tão complexo e mutável como o atual, meu Governo se tem empenhado na identificação de interesses convergentes e no aprofundamento do diálogo regional, persuadido de que nossas aspirações são as mesmas e de que nossos desafios são comuns.

Temos agora diante de nós uma oportunidade histórica. Graças a uma feliz iniciativa mexicana, que o Brasil apoiou decididamente, realizaremos em novembro uma reunião do Grupo do Rio, a nível presidencial. Antecipo o prazer de regressar então a esta hospitaleira terra mexicana para, em companhia do presidente Miguel de La Madrid, examinar com nossos colegas presidentes dos demais países do grupo as principais questões que nos preocupam.

Formamos um grupo que se caracteriza tanto pela informalidade de seus procedimentos quanto pela unidade de propósitos. Aproxima-nos, acima de tudo, a consciência da singularidade do momento histórico regional e da necessidade de forjar respostas comuns a problemas comuns.

Virei ao encontro de meus colegas latino-americanos com o espírito aberto e construtivo que invariavelmente caracteriza a diplomacia brasileira. Estou seguro de que poderemos conduzir o nosso diálogo a bom termo e abrir novas avenidas de concertação e cooperação entre nossos países.

Felicito-o, pois, senhor presidente Miguel de La Madrid, por esta iniciativa que bem demonstra o vigor e a imaginação da diplomacia mexicana, tão bem conduzida sob a inspirada liderança de Vossa Excelência.

No plano bilateral, novas possibilidades de cooperação entre o México e o Brasil se oferecem constantemente, nos mais diversos setores. O já abrangente arcabouço jurídico que fornece as bases para o relacionamento entre os nossos dois países, longe de esgotar o processo de fortalecimento dos nossos laços, serve apenas como ponto de partida para a exploração intensa do potencial existente.

A semelhança de perspectivas em âmbito internacional, o livre intercâmbio de opiniões sobre os diversos aspectos da realidade mundial e os assíduos contatos mantidos entre as autoridades de nossos dois países, seja à margem de foros multilaterais, seja nos diversos encontros do Grupo de Apoio e de Contadora, seja na troca de visitas, atestam o nível denso e o caráter multifacetado de nossas relações. Refletem, igualmente, o grau de maturidade atingido pelo diálogo político que, nos anos recentes, vimos desenvolvendo e ampliando.

Tenho, pois, grande confiança no futuro de nossas relações. Caminhamos, a passos decididos, para um destino comum. Como presidentes de nossos países, cabe-nos traduzir em realidades concretas todo esse potencial que aproxima o Brasil e o México. O desafio é imenso, mas é imensa também a nossa determinação conjunta de enfrentá-lo.

Nosso contato pessoal, acredito, em muito contribuirá para fortalecer a vontade de cooperação que anima nossos países.

Vossa Excelência tem revelado grande determinação para vencer obstáculos. Suas qualidades humanas, seus dons de estadista, seu descortino político tornaram-no merecedor do apoio dedicado do povo mexicano. Fizeram-no também credor do respeito e da admiração de toda a América.

Faço votos para o continuado êxito do governo de Vossa Excelência.

Ao renovar-lhe meus agradecimentos pela generosidade e fraternal carinho com que me recebe, a mim, a minha mulher e a toda comitiva brasileira, convido a todos que me acompanhem no brinde que proponho pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e da senhora de La Madrid, bem como pela prosperidade de todo o povo mexicano.